

A performance art scene set in a dark space with walls made of straw. On the left, a shirtless man with a beard and a blue athletic pair with white stripes on the side stands with his arms raised, wearing pink gloves. In the center, a woman with red hair is wrapped in a white sheet, with a crown of bare branches on her head. On the right, a person with tattoos on their arms and wearing a grey tank top and black-and-white striped pants stands with their back to the camera, reaching up towards the straw wall. The floor is dark, and there is some straw scattered on it.

CCB

24 NOV 24

AQUI, AGORA, NESTE MOMENTO

DE ELIZABETE FRANCISCA,
MARIANA TENGNER
E VERA MANTERO

PROGRAMAÇÃO CONJUNTA ARTES PERFORMATIVAS E MAC/CCB
NO ÂMBITO DA EXPOSIÇÃO *INTIMIDADES EM FUGA. EM TORNO DE NAN GOLDIN*,
PATENTE NO MAC/CCB ATÉ 31 DE AGOSTO DE 2025.

Temporada 2024/2025

Dança
Pequeno Auditório
Domingo, 20h00
M/12

Uma iniciativa de **Elizabete Francisca, Mariana Tengner, Vera Mantero**
Interpretação **Carlota Lagido, David Marques, Elizabete Francisca,**
João dos Santos Martins, Luís Guerra, Vera Mantero

Músico **João Bento**

Luz e ambiente **Rui Monteiro**

Figurinos e adereços **Carlota Lagido**

Produção **O Rumo do Fumo**

Produção executiva e difusão **João Albano / O Rumo do Fumo**

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada por República Portuguesa
– Cultura | Direção-Geral das Artes e Câmara Municipal de Lisboa.

Foto de capa: © Ricardo Raminhos / Fundação de Serralves

AQUI, AGORA, NESTE MOMENTO

Encontramos frequentemente a improvisação em situação de espetáculo na área da música, mas muito menos na área da dança e da *performance*. No entanto, há toda uma história da improvisação que tem vindo a acontecer na área da dança nas últimas décadas. Não só em situação de ensaio (com vista à criação de materiais de composição), mas também enquanto espetáculo apresentado ao público.

A improvisação em espetáculo é uma prática que acreditamos fundamental na área das artes do espetáculo. Elizabete Francisca, Mariana Tengner e Vera Mantero são improvisadoras experimentadas que pretendem aprofundar essa experiência. Neste projeto, fazem-no num quadro de pluridisciplinaridade, não só pela prática da improvisação em espetáculo e sua pedagogia, como pela sua análise teórica, ponto essencial do projeto, promovendo o pensamento, o debate e a publicação.

Consideram que é importante apreciar e valorizar a leveza da produção e construção de um espetáculo nestes moldes, a fluidez na forma de organização e apresentação, num quadro de produção nacional e europeia que tende essencialmente a tornar-se pesado, rígido e institucionalizado, com todos os inconvenientes também a nível artístico que isso acarreta.

A apresentação na Fundação de Serralves em junho de 2023, no âmbito do Serralves em Festa, constituiu um encontro de singular beleza e sublimação, um estado de graça com momentos que irão certamente perdurar na memória dos que puderam assistir. Além de Vera, Mariana e Elizabete, o espetáculo contou ainda com João dos Santos Martins, Luís Guerra, Bruno Senune, Carlota Lagido, e os músicos João Bento e Pedro Melo Alves.

Devido ao sucesso deste encontro, O Rumo do Fumo continua a explorar este território da improvisação, aliando os diferentes intervenientes que compõem um objeto complexo, imprevisível e surpreendente. Este ano, foi convidado Mark Tompkins para enriquecer o projeto através de um *workshop* realizado em março. Mariana Tengner orientou um laboratório durante três meses para pessoas interessadas nesta área.

A componente de formação é fundamental neste projeto, de forma aos artistas poderem partilhar com outros profissionais a sua experiência e encontrarem novos caminhos para continuar a desenvolver este trabalho de improvisação em dança que cativa mais interessados, tanto de artistas como de público.

«... o estado de consciência do improvisador é fundamentalmente diferente da do intérprete. Este conhece perfeitamente o seu papel e a partitura do todo antes de entrar em cena, enquanto num espetáculo improvisado o performer é ao mesmo tempo intérprete, compositor ou coreógrafo, e membro de um grupo que, em conjunto, vai criar um evento único que os ultrapassa a todos.»

«O olhar do espectador situa-se de uma forma diferente, pois o interesse do espetáculo improvisado reside menos a nível da construção coreográfica e da composição, e mais a nível do jogo de relações e através das escolhas dos intervenientes que tecem uma trama cujo desenvolvimento pode ser transformado a cada instante por cada um. Dito de outra forma, o espectador ouve e olha ativamente um processo mais do que um objeto, é convidado a partilhar os riscos e os prazeres de ver nascer (e logo desaparecer) formas, histórias e instantes únicos e efémeros.»

Mark Tompkins

COMPOR NUM TEMPO REAL

Improvisar como acto de compor em tempo real. Compor de forma irreversível, no emaranhado risco da impossibilidade de refazer. Num fazer a cada momento, decisivo, em cadência, cada movimento, cada som, respondendo ao impulso criativo instantâneo. E nisto subverter os papéis, dar a quem vê e ouve, escuta e olha a possibilidade de voltar a ver, reflectir no ouvir, possibilitar a percepção, convidar até a escrever. O público no lugar cúmplice do ensaio, e os outros no lugar do palco a fruir, assistindo num fazer. Compor, aqui, é fazer sem emendas, sem passar a limpo, em palco directo. Assistir sempre dá para recolher, ver, ouvir de novo, reconstruir, fazer uma ideia. Compor na emoção e assistir racional.

No palco há gente como nós e a plateia enche-se de figuras, outras como nós, feitas em público. É uma festa. Uma vara suspende os figurinos, que esperam, possibilitam tudo, campo aberto. Sob o estendal de possibilidades, espalham-se em movimentos cada uma das individuais vontades. A sonoplastia constrói-se aqui, serve-se agora, consome-se no momento, desaparece em seguida. E fica a permanente inquietação – será tudo aqui possível com outra música? Ficamos para ver, ouvindo. Nada surge, aqui, agora, sem enredo sonoro.

Sonoridade real, feita de música concreta – objectos sonoros em gravação de campo no momento, a coreografia dos sons. A vida em palco.

Como num palco que somos nós, há dois tímpanos, duas colunas, dois músicos em palco, como colunas emissoras, A e B, ou esquerda e direita, desenhando dois vértices; somos, cada um de nós, o terceiro que faz falta para o triângulo. Nisto há narrador, uma voz nada *off*, *ups*! É pedido explicitamente que se evitem estrangeirismos, passa a haver «lavagem verde» evitando «greenwashing». Voz de corpo presente, que dança, que aponta as regras e que as desafia a quebrar, que programa o acaso e justiça o improviso.

Mas... «Alguém ainda está aí a ajudar alguém?», pergunta-se com retórica repetidamente. Mas foram vocês (e nós) que se meteram nisto, libertem-se.

Poderá esta música ser feita para esta coreografia ou antes esta coreografia servir esta música, no instante irreversível do momento. As linguagens transmutam-se assumidamente. Dançam os sons e sonoriza-se a dança. Estranho? «Estranho é não estranhar!» Ecoa-se a meio, em voz alta. «Podem as pedras parideiras ter menopausa?» Há lugar para tais inquietudes, ligada a ideia da percepção dos mecanismos geológicos, na figura feminina, ligada à escala temporal do viver do tempo mineral. A imperiosa visão racional, para poder explicar o que se vê e ouve em redor, em palco e no planeta, procurar um entender. Antes um fruir, fruir no sentido da individualidade e resultando num conjunto, lição de palco, aquele ali, naquele lugar.

Decompor, restabelecer os elementos, que compõem a matéria. Passar ao lado mineral do existir, sonoro, lado tímbrico e rítmico, o tempo percetivo da sonoplastia que se constrói. Elementos áureos, espectros e pontos de luz, nos que dançam. Autómatos sonoros, linguagens criativas, nova língua nas falas entre os que (se) tocam. Obter o espaço do vazio sonoro.

Sem sonoplastia, e agora? Vagueia-se no lugar, o que fazer. Ligar a alguém, alguém que dê ideia de como terminar? Uma música que sirva. Os músicos, todos aliás, querem descansar. Sonoplastia gravada, procura outros dispositivos as plataformas de serviço recorrente nestes tempos. E nisto sai o inesperado — do qual não se gosta. Pode acabar assim, é melhor, «black out» a pedido, *ups*! não se podia falar noutra língua. Mas, como poder falar d'Isto, aqui, agora, neste momento, de uma outra forma? Logo agora que há tanto que dizer e por (re)compor neste preciso tempo.

Ricardo Vicente Paredes

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)







Elizabete Francisca

Elizabete Francisca nasceu em Joanesburgo, África do Sul. Iniciou os seus estudos em artes visuais e, em 2007, completou a licenciatura em *Design Industrial* (ESAD-CR). Nos seus trabalhos ligados à conceção de objetos, encontra o corpo — a sua inscrição relacional (formal e afetiva) — como o principal eixo de reflexão, o que a levou a aprofundar os seus estudos na área da dança contemporânea e na *performance*. Frequentou o Bacharelato em Dança na Escola Superior de Dança de Lisboa e, em 2010, terminou o Programa de Pesquisa e Criação Coreográfica (PEPCC) do Fórum Dança, onde estudou com Vera Mantero, Meg Stuart, Deborah Hay, Mark Tompkins, Loïc Touzé, Miguel Pereira, Francisco Camacho, Lisa Nelson, João Fiadeiro, entre outros. Foi através do trabalho com estes criadores e pedagogos que acedeu ao conhecimento de diversas técnicas de improvisação/composição, tendo a oportunidade de as praticar em grupo. A improvisação torna-se, portanto, uma via de aproximação ao fazer da dança que lhe permite explorar a sua fisicalidade e imaginário de uma forma mais ampla e menos constrangida, enquanto a entende como uma prática total, podendo ser transportada e aplicada «à vida», para fora dos estúdios, dos espetáculos. O seu percurso profissional que se seguiu esteve tendencialmente associado a projetos que privilegiam a improvisação como ferramenta para a criação de materiais performativos e coreográficos, nomeadamente as suas criações *Tsunamismo*, *Recital para duas cordas em M* (2013), *Dias Contados* (2019) e *a besta, as luas* (2021); *THE WALL* (2014) de Vânia Rovisco; *Criarei apenas o que não consigo imaginar* (2021) de Carlos Manuel de Oliveira; e o filme *A Cidade Onde Envelheço*, da realizadora Marília Rocha, filme vencedor do 49.º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, no qual ganhou prémio de melhor atriz. Destaca ainda os projetos cuja prática de improvisação é em si um meio e um fim: *Aquática Acção*, no âmbito projeto *Mais Pra menos que Pra Mais* (2014), codirigido com Vera Mantero e Rui Santos; *Improvisação a partir de 'In C' de Terry Riley* (Fundação de Serralves e Festival Circular, 2011) com direção de Miquel Bernat e Mark Tompkins; os *Stage de Composition en Temps Réel* (Arbecey, 2011 e 2015) com Mark Tompkins e com Mark Tompkins & Maxime Dupuis respetivamente; *Ponderosa's Witchcamp* com Meg Stuart, Stephanie Maher & Lexa Rosean; *THE LAB* (Arbecey, 2016) e *SERIOUS FUN* (ImPulsTanz, 2018) ambos dirigidos por Mark Tompkins & Meg Stuart. Foi artista associada da estrutura Materiais Diversos (2011-2013), então dirigida por Tiago Guedes e apoiada pel'O Rumo do Fumo (2013-2021). Faz parte do coletivo de artistas da Apneia Colectiva.

Mariana Tengner

Mariana Tengner é coreógrafa, bailarina e *performer*. Licenciada em dança pela Northern School of Contemporary Dance-NSCD (Inglaterra 2003). Estagiou no Ballet Theatre Munich (Alemanha 2004). Completou o Programa de Estudo e Criação Coreográfica-PEPCC (Portugal 2009). Entre 2004 e 2005, foi artista associada da NSCD e cofundou o coletivo artístico The Resistance Movement (Inglaterra). Foi artista associada à EIRA (Lisboa) entre 2012 e 2016, tendo sido artista residente entre 2010 e 2012. O seu trabalho tem sido apresentado em diversos países na Europa e América do Sul. Coreografou e interpretou inúmeras peças a solo e em grupo, salientando *Après Le Bain* (2011), *The Trap* (2011, vencedor do Prémio do Público Jardim D'Europe- Áustria) e *A Power Ballad* (2013) e *Resurrection* (2017) ambas cocriações com o coreógrafo Mark Tompkins. Como intérprete, destaca as colaborações com: Meg Stuart/ Damaged Goods, Francisco Camacho, Retina Dance, John Romão, Diana Niepce e Filipa Francisco. Em 2016, recebeu o Galardão de Mérito Municipal Cultural pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão pelo seu percurso profissional. É diretora artística d'A Bela Associação e integra a banda Kundalini XS e o projeto musical performativo Digital Pimp Hard at Work. A improvisação é uma ferramenta constante nas suas práticas e trabalhos tanto ao nível da pesquisa como a premissa principal em alguns projetos, salientando o solo Performance Commissioning Project em 2009, dirigida pela coreógrafa Deborah Hay (Findhorn, Escócia), tendo estreado a sua adaptação da coreografia *At Once* no âmbito de Nome Eira#3, em Lisboa (2011); as peças em colaboração com o músico Jonny Kadaver com base na improvisação *Dance Against The Machine* e *Riders on the stage* (2014/15) para a companhia Londrina Edge-The Place, apresentadas no Parque da Devesa, Casa das Artes, Famalicão e *Instructions for the gods* que se estreou no âmbito da BoCA – Bial de Artes Performativas no Museu do Chiado (2017); *Karaoke Singing In The Rain – Performance/Instalação* em colaboração com o arquiteto Pedro Bandeira para a Casa da Música (2007); *Sleeps in motion watching us*, colaboração com Abraham Hurtado e João Gridfonte no projeto *Bridge on a wall* na Galeria Zé dos Bois, em Lisboa, e Galerie Tristesse Deluxe, em Berlim, 2009; *ADDK a process* (Galeria da Boavista, 2012) com Vânia Rovisco; *Improvisação a partir de 'In C' de Terry Riley* (Fundação de Serralves e Festival Circular 2011) com direção de Miquel Bernat e Mark Tompkins; *THE LAB* (Arbecey, 2016) e *Serious Fun* (Impulstanz, 2018) ambos dirigidos por Mark Tompkins e Meg Stuart; *Atelier III* (Bruxelas, 2017) de Meg Stuart, Josef Wouters e Jeroen Peeters e *Maratona de Procrastinação* (Jardim Botânico de Lisboa, 2021) dirigido por Sílvia Pinto Coelho e Lília Mestre e Convidados.

Vera Mantero

Vera Mantero estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura. O seu trabalho artístico tem sido amplamente reconhecido, tendo recebido o Prémio Almada do Ministério da Cultura (2002) e o Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete (2009). Em 1999, a Culturgest apresentou uma retrospectiva do seu trabalho, intitulada *Mês de Março, Mês de Vera*. Em 2004, em parceria com o escultor Rui Chafes, representou Portugal na 26.ª Bienal de São Paulo, com a obra *Comer o coração*. Em 2018, Mantero foi eleita pela Esglobal e pela Fundación Avina para integrar a Lista de Intelectuais Ibero-Americanos Mais Influentes do Ano, com foco em profissionais que contribuíram nos campos de sustentabilidade ambiental, económica, política e/ou social. Colabora regularmente em projetos internacionais de improvisação, dos quais destaca: *Crash Landing*, uma iniciativa de Meg Stuart, Christine de Smedt e David Hernandez (Festival Klapstuk 1996, Théâtre de la Ville/Paris 1997), Festival Danças na Cidade (Lisboa, 1998); *On the Edge*, um projeto de Mark Tompkins (Paris, Marselha e Estrasburgo, 1998); *The Lisbon Group*, iniciativa do Festival Danças na Cidade e Steve Paxton (Lisboa 1999 e Festival Impulstanz/Viena 2002); *Not to know*, projeto de Benoît Lachambre e Andrew Harwood (Impulstanz 2002) e Festival Antipodes (Brest, 2005); *Theatre of Operations*, projeto de Lisa Nelson (Centro Pompidou/Paris, 2003); *Concepts of Doing*, iniciativa de Alexander Frangenheim (Theater Haus/Stuttgart 2004); *Auf den tisch!/At the table*, projeto de Meg Stuart (Berlim/Tanz Im August 2005, Bruxelas/Kaaistudios 2005, Gent/Vooruit 2006, Viena/Tanzquartier 2006, Lisboa/Teatro Camões 2007); Sidewinder/Movement Research Fall Festival, programado por Jennifer Monson e Zeena Parkins (Nova Iorque 2008); *Improvisação a partir de 'In C' de Terry Riley* (Fundação de Serralves e Festival Circular 2011) com direção de Miquel Bernat e Mark Tompkins. Mantero tomou também a iniciativa das primeiras edições do projeto *Aqui, agora, neste momento* (Serralves 1999 e Teatro Municipal da Covilhã 2000). Integra desde 2014 o elenco da versão portuguesa de *Quizoola!*, de Tim Etchells/Forced Entertainment, ao lado de Jorge Andrade e Pedro Penim, num espetáculo em que grande parte do texto é improvisado. Mantero dedica-se igualmente ao trabalho de voz desde 2000, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental, nomeadamente com Pedro Pinto, Gabriel Godoi, Nuno Vieira de Almeida, Nuno Rebelo e Vítor Rua. Leciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

13 E 14 DEZ

**DANÇA | ENCOMENDA CCB
HÁ QUALQUER COISA PRESTES A ACONTECER
VICTOR HUGO PONTES**

Victor Hugo Pontes estreará no CCB uma criação que reflete sobre os 50 anos de história de um país livre. Inspirado pela canção de José Mário Branco, *Inquietação*, o espetáculo *Há qualquer coisa prestes a acontecer* focar-se-á no corpo como signo central. Sem referências diretas a questões políticas ou ideológicas, Victor Hugo Pontes explorará o corpo nu como expressão primordial, confrontando o perigo externo e as barreiras internas. A obra visa revelar o que move, assusta, transforma e liberta, procurando no corpo despido a essência humana mais racional, forjada e livre.

Sexta, 20h00

Sábado, 19h00

Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: Sessão de 14 de dezembro com Audiodescrição para pessoas cegas e com deficiência visual

Coprodução Centro Cultural de Belém, Teatro Aveirense, Teatro Nacional São João

FOTOGRAFIA © JOÃO OCTÁVIO PEIXOTO

APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

RTP

